



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/ INGLÊS**

JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

**A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

**GUARABIRA-PB
2017**

JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

**A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/ Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marta Furtado da Costa

**GUARABIRA-PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237I Santos Júnior, José Ferreira dos.
A literatura de cordel em sala de aula: [manuscrito] : uma proposta didática / Jose Ferreira dos Santos Junior. - 2017.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Marta Furtado da Costa , Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Interacionismo sociodiscursivo. 2. Sequência didática. 3. Gênero discursivo. 4. Cordel. I. Título

21. ed. CDD 371.3

JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS JÚNIOR

A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA

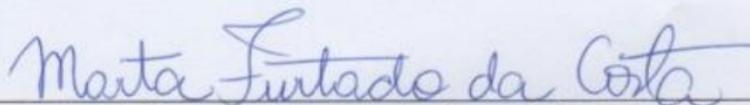
Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português/ Inglês.

Área de concentração: Linguística Aplicada

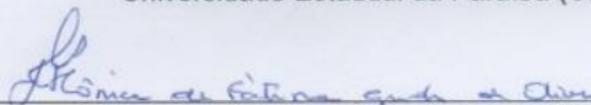
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marta Furtado da Costa

Aprovado em: 02/08/2017

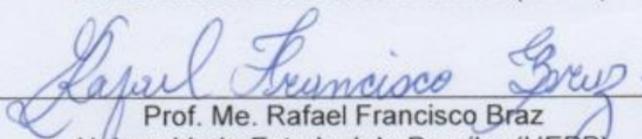
Banca Examinadora



Profa. Dra. Marta Furtado da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rafael Francisco Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este título a minha mãe, por todo carinho e apoio a mim dado ao longo de minha vida. A ela, minha gratidão por me apoiar no decorrer desta caminhada. “Mãe, a ti dedico esta vitória”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus, pela oportunidade de iniciar meus planos profissionais através desta graduação. Sem a mão divina, minha vida não teria a luz e o brilho que me encoraja a lutar diariamente pelos meus objetivos. Desta forma, só tenho a louvar e ser infinitamente grato ao criador, por tudo o que tem feito por mim.

Aos meus Pais, por todo o exemplo e dedicação, e de modo especial a minha mãe, Glória, que nunca mediu esforços para que eu pudesse concluir este curso. Sempre estive ao meu lado em todos os momentos, me orientando e torcendo para que meus sonhos e planos fossem realizados, com êxito. Por isso, sou grato e peço a Deus que possa recompensá-la por todo o esforço e a preocupação que teve comigo ao longo destes quatro anos de curso.

A todos os meus familiares: meus avós, Severina e Djalma, Manoel e Carmelita (in memoriam) grandes exemplos e inspiração para toda família, meus tios e tias, meus primos, e aos demais familiares que torceram por mim e me incentivaram ao longo desta trajetória. De modo singular, agradeço aos meus irmãos Rhuan, Rhenan, Renato, Rhyan e Luciara que acompanharam todo meu esforço, e contribuíram, mesmo sem saber, para esta conquista.

Ao grande amigo, que levarei sempre no coração, e que me ajudou muito ao longo destes anos: Júnior Fidelis. Torço muito pelo seu sucesso e rogo que Deus o abençoe grandemente por tudo que ele é e por tudo que fez por mim.

A minha orientadora Marta Furtado da Costa, por toda atenção dispensada, mesmo com tantos compromissos, sempre tão presente, tirando dúvidas e enriquecendo o trabalho acadêmico com suas orientações.

À Professora Josilene Felinto da Silva, de forma especial, pela gentileza e presteza na participação desta pesquisa, desde a primeira visita à escola, para realização da entrevista até o desenvolvimento do projeto em sua sala de aula. Meus sinceros votos de sucesso e crescimento profissional.

À coordenação do Curso de Letras, representada pelo Professor Eduardo Valones e a Professora Edilma Catanduba, por todo o apoio oferecido ao longo destes anos. A todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica, meu reconhecimento, meu respeito e meu carinho. Enfim, agradeço a todos os amigos que contribuíram de forma direta ou indireta para esta conquista.

Esta cultura abrangente
Criada pelo poeta
Aonde informa e educa
A quem lê e interpreta
Qualquer setor de cultura
Sem esta literatura
À cultura é incompleta.
(O que é Literatura de Cordel?, Azulão, p. 01)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	OS CAMINHOS DA LEITURA ATRAVÉS DO CORDEL	10
3	OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O ENSINO	13
4	METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	16
5	RESULTADOS ALCANÇADOS	17
6	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	20

A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

José Ferreira dos Santos Júnior*

RESUMO

O presente artigo apresenta a proposta destacar a importância de se trabalhar a leitura e a escrita dos alunos, a partir do uso do gênero discursivo cordel. Ancoramos nossa pesquisa no interacionismo sociodiscursivo (ISD), que entende as práticas de linguagem como instrumentos de desenvolvimento do pensamento consciente humano e da interação social. Nosso objetivo é apresentar o relato de uma sequência didática realizada numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual do Município de Guarabira-PB, durante a disciplina Prática Pedagógica II. Desta maneira, direcionamos nossos estudos para o interacionismo sociodiscursivo proposto por Bahktin (2006) e Marcuschi (2002), que defende a aprendizagem como um mérito da interação social; Schneuwly, Bernard & Dolz (2004), sobre as sequências didáticas e Abreu (1999) sobre as histórias dos cordéis e folhetos. Como resultado, pudemos notar melhoras significantes referentes à motivação dos alunos para a leitura e o processo de escrita priorizando a expressão dos temas do cotidiano.

Palavras-Chave: Interacionismo sociodiscursivo. Sequência didática. Gênero discursivo. Cordel.

* Aluno de Graduação em Letras Português/ Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: santos_pb4@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é responsável por manter acesa a chama da cultura popular nordestina. O cordel, enquanto gênero literário e discursivo, propaga-se através da paixão dos seus autores e leitores, e ao longo anos, atrai a atenção de um vasto público, das feiras e às bancadas da academia.

O cordel mantém vivo o seu espaço na sociedade, através dos elementos marcantes que os distinguem, tais como as sextilhas, a xilogravura, o papel reciclado e o custo amigável dos livretos que podem ser adquiridos por todos e todas. Além disso, constituiu o seu universo nas pequenas cidades do interior, transformando os mercados públicos e as feiras centrais na ágora popular nordestina. O lugar de instrução, construção e discussão dos assuntos do cotidiano do povo.

Ao longo anos, temos percebido, por parte da escola, um interesse cada vez maior em buscar conectar o processo de ensino às práticas sociais. Não se pode conceber uma perspectiva de ensino que priorize o conhecimento da linguística estrutural em detrimento de uma conscientização de todos os valores sociais, políticos e culturais que cercam as práticas discursivas. Assim, entendemos que o ensino de língua, seja ela materna ou estrangeira, precisa trabalhar os gêneros discursivos amparado numa proposta interacionista social.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta didática de inserção do gênero discursivo cordel para o ensino de leitura e produção escrita de Língua Portuguesa. Este trabalho propõe destacar a importância de se trabalhar a leitura e a escrita dos alunos, proporcionando aos mesmos, o contato com o gênero discursivo cordel de forma lúdica e criativa, através de sua estrutura de versos e rimas, reconhecendo-o como um texto possível de ser lido, interpretado e declamado. Além disso, trabalhar com o gênero cordel em sala de aula pode ser uma boa oportunidade de a escola ter um encontro com a experiência cultural que emana desta literatura e toda sua riqueza expressiva, quanto à articulação de várias linguagens – verbal oral, verbal escrita, gráfica, e quanto aos diversificados temas que aborda.

Neste trabalho, vamos discutir algumas características relacionadas ao uso do gênero cordel na sala de aula. Nosso objetivo é apresentar o relato de uma sequência didática realizada numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual do Município de Guarabira-PB, durante a disciplina Prática Pedagógica II.

Desta maneira, direcionamos nossos estudos para o interacionismo sociodiscursivo proposto por Bahktin (2006) e Marcuschi (2002), que defende a aprendizagem como um

mérito da interação social; Schneuwly, Bernard & Dolz (2004), sobre as sequências didáticas e Abreu (1999) sobre a histórias dos cordéis e folhetos.

2 OS CAMINHOS DA LEITURA ATRAVÉS DO CORDEL

A leitura é imprescindível na vida do indivíduo desde a infância. Lemos por prazer ou por necessidade, percebemos que a leitura é fundamental para que a pessoa adquira habilidades para a vida. Para que leitura possa contribuir com o sucesso escolar, deve-se tomar por princípio a consciência de que o texto é universo aberto e em expansão. Não é algo pronto, acabado, cabe ao leitor crítico completar os caminhos deixados pelo autor com as suas próprias leituras, seu próprio conhecimento de mundo.

A literatura de cordel é tradução da cultura popular. Os versos estão sempre relatando acontecimentos, fatos políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou pitorescos da vida como ela realmente é. Sua produção é simples como o povo, não requer tanto “estilismo” ou “formalidades” sua abrangência alcança todas as classes sociais.

No entanto, ainda falta é o reconhecimento e a valorização desde gênero literário e discursivo que é tão significativo à cultura nordestina. Ao propor este trabalho que será aplicado junto aos alunos em sala de aula, estaremos oferecendo um leque de recursos que os ajudará a suprir algumas carências de aprendizagem, tais dificuldades com a produção escrita, falta de motivação para a leitura, a escrita, falta de atenção aos componentes semióticos na leitura dos componentes não verbais (xilogravura), apreciação artístico-literária de um universo sociocultural para o fortalecimento e valorização da cultura nordestina.

A literatura de cordel no Brasil trata-se de uma herança portuguesa que chega ao país no século XVIII. Encontrando terra fértil na região nordeste, na zona da Mata, entre os trabalhadores dos canaviais e no Sertão, entre os homens pobres do Sertão, ocupados na agricultura de subsistência e agropecuária. No Brasil, o cordel tornou-se bastante popular, sendo considerado como um sinônimo de poesia popular. Na região Nordeste ainda hoje os cordéis são vendidos em feiras populares e apreciados por um número considerável de leitores.

O cordel trata-se de um gênero literário poético com raízes na idade média. A origem do termo cordel deve-se ao fato de os folhetos ficarem pendurados em cordões, atraindo a atenção dos leitores e sendo vendidos pelos próprios autores. Para conquistar a interesse dos leitores, os autores, que também são vendedores, recitam suas obras acompanhados de violas.

Um dos fatores determinantes para o sucesso do cordel está no custo de produção dos folhetos. Produzidos em papel rústico e de baixo custo, medindo em torno de 15 x 11 cm, e contendo entre 15 e 35 páginas, os folhetos são vendidos a preços populares, sendo acessíveis aos leitores de diversas classes sociais. O cordel constitui-se dessa forma como uma opção de leitura acessível principalmente aos leitores de menor poder aquisitivo.

Os folhetos têm no humor a sua principal característica estilística. Essa característica associada aos fatos da vida cotidiana retrata a política, as condições climáticas, disputas políticas e econômicas, atos de heroísmo, vida e morte de personalidades, entre outros assuntos. Carvalho (2010) diz que “segundo Ariano Suassuna, a literatura popular em versos do Nordeste brasileiro pode ser classificada nos seguintes ciclos: o heroico; o maravilhoso; o religioso ou moral; o satírico; e o histórico”.

A literatura de cordel tem suas raízes na literatura oral, que consiste importante fonte de memória popular, conservando o imaginário da sociedade onde ela foi originada. Alguns gêneros da literatura oral, como mitos, lendas, contos e provérbios são transmitidos oralmente através das gerações. As principais características que definem os gêneros orais são a dificuldade de identificação de autoria e a modificação das histórias com o passar do tempo. Zumthor (1997: p.10), um dos grandes estudiosos da oralidade, afirma que:

Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas.

Sebastião Nunes Batista, em seu livro *Poética Popular do Nordeste* (1982), faz uma abordagem sobre estudos da Literatura Popular em versos, possibilitando uma visão mais ampla sobre a importância dessa arte na cultura brasileira, evidenciando não apenas o cordel, mas também a cantoria de repente. Esse livro apresenta, logo no primeiro capítulo, os aspectos formais da cantoria e da literatura de cordel e a aproximação entre poemas de poetas populares com excertos de poemas de alguns poetas como, por exemplo, Luís Vaz de Camões, Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Castro Alves e Fagundes Varela. Mesmo numa época em que a tecnologia e os veículos de comunicação de massa como a televisão e a *Internet*, por exemplo, estão em constante evolução, o folheto continua informando e divertindo o “leitor/ouvinte”.

De acordo com Oliveira Galvão (2001, p.29):

Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam, desse modo, relacionados à sua semelhante portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII.

A literatura de cordel chegou ao Brasil logo nos primeiros séculos do descobrimento. No entanto, é bom lembrar que a produção da literatura popular brasileira não foi denominada de literatura de cordel, e sim, de folhetos.

Lembrando que a estrutura dessa literatura popular, inicialmente produzida no Nordeste brasileiro, em forma de versos, apresentava esse único gênero como semelhante à literatura de cordel portuguesa, embora salientando que a métrica portuguesa seja bastante variável e também apresenta outros gêneros literários. Esse tipo de poesia popular, denominada e reconhecida pelos próprios poetas como “folheto”, também era chamada de “romance” ou “livrinho”. É a partir da década 70, que alguns estudiosos começaram a chamá-lo de Literatura de Cordel.

Mesmo que depois essas narrativas sejam decoradas e transmitidas pela oralidade como é o caso do cordel O Futebol no Inferno, de José Soares, cantado por duplas de emboladores, a exemplo de Caju e Castanha, Barra Mansa e Caetano da Ingazeira.

O poeta e pesquisador Maxado (1980: p.42) afirma que “o folheto é sempre em verso. Mas existem folhetos em prosa, porém, raros no Brasil”. No entanto, mesmo que existam folhetos em prosa aqui no Brasil, fica claro na citação acima que o folheto em verso prevalece, sem dúvidas, como a forma mais utilizada pelos poetas populares.

Desta forma, a produção da literatura popular brasileira e a literatura de cordel portuguesa apresentam diferenças claras, tanto no que se refere aos gêneros quanto à própria designação dessa produção, embora ainda se estabeleçam relações entre ambas, referindo-se à poesia. No entanto, é bom lembrar que a expressão “Literatura de Cordel” hoje está cada vez mais consolidada, tanto pelos pesquisadores, estudiosos quanto por leitores e pelos próprios poetas, principalmente os mais jovens. Também é importante notar que nessa literatura popular muitas vezes encontramos elementos estruturais da literatura erudita. Como afirma Palhano (1998: p.23) ao dizer que

No cordel, portanto, o formal e o informal, o individual e o coletivo, a voz e a letra, a criação e a tradição não constituem dois lados da mesma moeda, mas a substância fundida – e muito bem fundida – de que é constituída a moeda.

Sendo assim, é importante notar que no folheto podemos encontrar elementos das culturas popular e erudita.

Durante esta pesquisa, percebemos uma enorme ausência da literatura popular nos livros didáticos, especificamente o Cordel. Uma grande parcela dessa ausência talvez se deve ao fato de que a literatura de cordel não apresenta um caráter oficial. Entretanto, é de suma importância tentar inserir esses textos literários no cotidiano escolar pois sabemos que, já foram inseridos no conteúdo programático de diversos vestibulares como a COMVEST, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB inseriu na relação de obras para o vestibular 2007, o romance *O cachorro dos mortos*, de Leandro Gomes de Barros e para o vestibular 2008 a *História da Donzela Teodora*, também do mesmo autor.

Outra comissão, a COMPERVE, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte adotou para o seu Processo Seletivo Vocacionado – PSV 2008, Dez Cordéis num Cordel Só, do poeta popular Antônio Francisco. Além disso é necessário inserir nas escolas o hábito de usar estes textos cordelísticos como incentivo a literatura como também para que nossos alunos conheçam a fundo a respeito da cultura popular brasileira.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O ENSINO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) adotam a terminologia gênero em detrimento de tipo para o ensino de leitura e produção de textos orais e escritos. É comum gênero textual e tipo textual serem confundidos, dessa forma, convém definir que gênero textual diz respeito aos textos materializados, com estilo e função própria. Já o tipo textual é definido pela natureza linguística que carrega e são apenas cinco: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Trabalhar com o conceito de gênero discursivo também nos leva a conhecer o conceito de domínio discursivo. O domínio discursivo pode ser considerado uma esfera da produção discursiva. A prática discursiva define um conjunto de gêneros textuais que são tidos como rotinas discursivas. Por exemplo, na atividade jurídica estão presentes uma série de gêneros textuais que podem ser, ou não, exclusivos a esse ramo de atividade. No entanto, em todos estes gêneros textuais está presente o discurso jurídico. Assim, podemos nos referir aos gêneros como gêneros textuais ou gêneros discursivos.

Assim, uma receita culinária, uma resenha, uma bula de remédio, uma manchete de jornal, ou uma entrevista jornalística são gêneros discursivos. No entanto, dentro desses

gêneros discursivos podemos encontrar uma série de sequências tipológicas diferentes. Em um livro de contos de fadas é possível encontrar descrições, exposições, injunções, argumentações e narrações ainda que descrições e narrações sejam estruturas predominantes nesse gênero específico.

Marcuschi (2002) ainda considera a questão da intertextualidade intergêneros e da heterogeneidade tipológica. O autor define a intertextualidade intergêneros como um fenômeno no qual um gênero discursivo assume a função de outro gênero discursivo. Para validar esta teoria há o exemplo de um artigo de opinião em forma de poema, publicado na Folha de São Paulo. Já a heterogeneidade tipológica relaciona-se com a presença de vários tipos textuais em um único gênero discursivo. O exemplo citado foi uma carta pessoal apresentando sequências tipológicas diferentes.

O domínio de um gênero discursivo vai além da total compreensão de utilização de um código linguístico, mas significa domínio de uma situação sócio comunicativa. É de suma importância preparar os alunos para fazer uma leitura crítica dos gêneros discursivos e de sua ocorrência. O tipo de situação na qual um gênero textual está veiculado deve ser analisado e discutido, a fim de familiarizar o aluno com os vários gêneros textuais e o domínio discursivo no qual estão inseridos.

No espaço da sala de aula, a utilização de textos diferentes, além de contribuir para o aumento do conhecimento intertextual do aluno, pode mostrar claramente que os textos são usados para propósitos diferentes na sociedade.

Quando define o gênero como um instrumento psicológico, Schneuwly (2004) baseia-se na perspectiva do interacionismo social de influência vigotskiana. E dessa forma, o autor sugere que “a escolha de um gênero é determinada pela esfera social, pelas necessidades da temática, conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenções do interlocutor” (SCHNEUWLY, 2004, p.25). Mesmo considerando os gêneros como flexíveis, eles apresentam estabilidade, definida pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

No ensino-aprendizagem de leitura e na elaboração de materiais didáticos adequados, Schneuwly (1994) observa a condição de tripolaridade da atividade humana, segundo a epistemologia marxista. Nessa perspectiva, o primeiro polo envolve um sujeito, que age sobre objetos ou situações, que estão no segundo polo, fazendo uso de objetos específicos e socialmente elaborados, o que seria o terceiro polo. O comportamento do indivíduo é, portanto, orientado pelos objetos e ações que fazem parte das situações por ele vivenciadas.

O autor entende que os gêneros são constituídos como ferramentas semióticas complexas, possibilitando a produção e a compreensão de textos nas atividades de linguagem. A adaptação dos gêneros às diferentes atividades sociais, orienta as condições de produção dos mesmos. O contexto de produção de um gênero, de acordo com Bronckart (1999), é orientado pelo emissor, o receptor, o local, o contexto histórico, social e cultural e o papel social do emissor e do receptor.

No que diz respeito à transposição didática, Bronckart (1993) sugere que a análise da atividade educacional deve contemplar os três níveis constitutivos dessa atividade: o do sistema educacional, o dos sistemas de ensino e o dos sistemas didáticos. O primeiro nível trata dos documentos oficiais que expressam as necessidades da sociedade em relação às questões educacionais, expressam a preocupação de tornar os alunos membros efetivos da sociedade. O segundo nível está representado pelas instituições escolares, que dão forma às intervenções didáticas através da formulação de objetivos, programas, conteúdos e métodos de ensino. O terceiro nível contempla a tríade aluno – professor – conteúdo e orienta as relações de interdependência que cada elemento tem sobre o outro.

Para trabalhar com a transposição didática relacionada ao ensino aprendizagem de leitura, é preciso considerar os três níveis da atividade educacional. Os gêneros devem ser abordados com base nas suas dimensões constitutivas e o trabalho do professor deve ser orientado com base em sequências didáticas elaboradas para cada gênero especificamente.

Schneuwly (2004: p.97) define sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. A função da sequência didática é orientar o processo de aprendizagem do gênero, através de um conjunto de atividades que apresentam um certo número de objetivos e que são organizadas no quadro de um projeto de apropriação de dimensões constitutivas de um gênero de texto, de tal forma que essas atividades sejam pertinentes para os alunos.

A elaboração de uma sequência didática para abordagem de um dado gênero textual que englobe desde o reconhecimento do gênero até a atividade de compreensão a ele relacionada é de potencial eficácia para o ensino-aprendizagem de leitura.

4 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A metodologia do presente trabalho envolveu o desenvolvimento de uma sequência didática que propiciou aos alunos, o conhecimento e a prática sobre a literatura de cordel. A seguir, iremos descrever as etapas desenvolvidas.

ETAPA 1: Realização de pesquisas na biblioteca, através da *internet* e materiais fornecidos pela professora

- Estudos sobre a origem e a história do cordel, rimas, métricas e a produção do cordel no Brasil.
- Pesquisa bibliográfica dos cordelistas brasileiros.
- Apresentação sobre a variação linguística - textos de Patativa do Assaré (mostrar aos alunos que a língua popular por muitas vezes é ridicularizada, porque trata-se de variante de pouco prestígio social em alguns grupos sociais. Chama a atenção para a linguagem coloquial, linguagem culta, linguagem, etc.

ETAPA 2: Contato direto com a Literatura de Cordel (Gênero e Suporte)

- Identificação das rimas.
- Despertar o gosto pela leitura.
- Pesquisa sobre os principais personagens, entre eles Lampião.

ETAPA 3: Escolha dos temas para a atividade de produção escrita.

- Os alunos escolherão temas para a confecção de suas poesias: amor, amizade, problemas sociais, boatos e fofocas, humor, terror.
- Também serão pesquisadas figuras, ilustrações, biografias de cordelistas, fotos e poemas para a confecção de cartazes de divulgação do projeto e de um livro de cordel.

5 RESULTADOS ALCANÇADOS

As atividades realizadas na turma de 8º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública estadual do Município de Guarabira-PB, durante a disciplina Prática Pedagógica II, na qual aplicamos a sequência didática relativa ao ensino de leitura e produção escrita através do gênero discursivo cordel nas aulas de Língua Portuguesa, apresentaram resultados satisfatórios.

A proposta apresentada fortaleceu e incentivou a leitura. Através da colaboração da professora responsável pela turma participante da pesquisa, pudemos fortalecer o prazer pela literatura, a melhoria da qualidade dos textos produzidos, a desenvoltura no procedimento da leitura oral e o gosto pelo ato de ler livretos de cordéis.

Segundo a professora da turma, a participação assídua dos alunos durante a execução do projeto a partir da exposição oral ou escrita, apresentou um rendimento superior em relação as avaliações escolares, se comparado aos demais bimestres anteriores a este projeto. Segunda a professora, o projeto superou as expectativas dos alunos e de todos os envolvidos, em relação à satisfação e à frequência dos estudantes. Todos os objetivos foram alcançados, os alunos conseguiram realizar inúmeras produções textuais utilizando rimas e muita criatividade, relatando diversos temas nas produções cordelistas. Envolveram-se com diversas atividades práticas, realizando-as com sucesso. Desenvolveu a oralidade, a desinibição em público e inteiraram-se da cultura brasileira da região Nordeste do Brasil.

Foi um trabalho que praticou a interdisciplinaridade e focou objetivamente nas produções dos alunos e na relação deles com os conhecimentos apreendidos. Enquanto a mim, como professor em formação, fiquei muito grato em vivenciar através deste estudo a realidade escolar e assim contribuir de forma indireta para o aprendizado e aperfeiçoamento da leitura destes alunos. Diante do que foi analisado nota-se que os alunos despertam um maior interesse pela leitura quando são instigados a realizar dinâmicas e estudos interativos sobre o tema.

6 CONCLUSÃO

Foi no ambiente escolar que encontramos a possibilidade de interagir com diferentes mídias na busca de novos desafios e sínteses. Não podemos perder de vista o alvo principal desta proposta, o aluno enquanto sujeito que lê, reflete, reescreve, atribui significados, partilha informações e experiências.

Desta forma, o gênero discursivo cordel pode ser usado como um importante recurso para a interação do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de não tomar esse trabalho na escola como um pretexto para uma abordagem puramente gramatical de um texto, sem abordar o gênero discursivo em toda a sua essência e função social. Quando focamos a riqueza do gênero cordel, estamos nos referindo à discussão das questões sociais, históricas, políticas e econômicas do nosso país.

É evidente a necessidade de se redefinir novas ações e alternativas, que favoreçam a todos os alunos. Isso implica na atualização, desenvolvimento de conceitos e metodologias educacionais compatíveis com a realidade vivida em cada ambiente escolar. No ambiente escolar, o repertório do professor é considerado um recurso rico para trocas de experiências com o objetivo de aperfeiçoamento não só da prática docente, mas de todos os envolvidos. Diante disso, entendemos que é através da educação que as pessoas podem desenvolver habilidades específicas e ter atitudes coerentes para a realização pessoal e social.

ABSTRACT

The present article presents the proposal to emphasize the importance of working the reading and writing of the students, based on the use of the discursive genre cordel. We anchor our research on sociodiscursive interactionism (ISD), which understands language practices as tools for the development of human conscious thinking and social interaction. Our objective is to present the report of a didactic sequence carried out in an 8th grade class of Elementary School II of a state public school of the Municipality of Guarabira-PB, during the discipline Pedagogical Practice II. In this way, we direct our studies to the sociodiscursive interactionism proposed by Bahktin (2006) and Marcuschi (2002), who defends learning as a merit of social interaction; Schneuwly, Bernard & Dolz (2004), on the didactic sequences and Abreu (1999) on the stories of the cords and leaflets. As a result, we could notice significant improvements regarding students' motivation for reading and the writing process prioritizing the expression of daily themes.

Keywords: Sociodiscursive interactionism. Didactic sequence. Discursive genre. Cordel.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- BAUMAN, Z. Arte da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. EDUC, 1999.
- CARVALHO, G. Xilogravura: doze escritos na madeira. Fortaleza: Editora do Museu do Ceará.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade” In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A.: organizadoras. Gêneros Textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MAXADO, F. O cordel como voz na boca do sertão. In: MARTINS, N. Léguas & meia – Cordel, Ed. Hedra Patativa do Assaré, 1980.
- PALHANO, João Maria de Paiva. Formação de palavras e estilo: inventividade na Literatura Popular impressa. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1998. (Dissertação de Mestrado em Letras).
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R. & CORDEIRO, G. S. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p.21-39.
- TERRA, R. B. L. Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global, 1983.
- ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Trad. de Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Educ, 2000.